

CHRONIQUETA

Boas festas.—O novo prefeito.—A jogatina.—A eleição municipal.—Sete e meio.—Petropolis inundada.—A Revista Brasileira.—Chronicas e Novellas—Um soneto.—Aperto de mão

Rio, 6 de Janeiro de 1895.

Começarei a minha chroniqueta, cumprimentando as formosas leitoras d'A Estação, como tenho por costume fazer nesta época todos os annos, e desejando-lhes boas e felizes festas.

*

Tambem a nossa capital teve boas entradas do novo anno, com a nomeação do novo prefeito municipal, O Dr. Furquim Werneck, illustre cidadão que algumas das minhas leitoras devem conhecer de perto.

O Dr. Werneck desde logo captou as sympathias de toda a gente séria, sancionando a lei municipal que dá um tiro quasi decisivo nos *frontões* e *book-makers* que desmoralisam esta infeliz cidade, transformando-a n'um enorme *tripot*, onde o povo se arruina em proveito de alguns patifes.

Continue o prefeito na sua obra de saneamento moral, encolha os hombros ás ameaças dos malandros enrequecidos com as economias do pobre, e não lhe hão de faltar os applausos dos homens de bem.

*

A' hora em que rabisco estas linhas, faz-se a eleição municipal. Acabo de levar o meu voto ás urnas de onde sahirão os quinze intendentes. Se ha um Deus para as eleições, rogo a esse Deus, que metade dos eleitos, isto é, sete e meio, sejam dignos de tão alta prova de confiança por parte do povo que os escolheu. Já vêm as leitoras que não peço muito. Conheço o eleitorado.

*

Mas com effeito! tivemos uma inundação de candidatos ao conselho da Intendencia maior que a da tromba d'agua de Petropolis!

O numero dos cidadãos que hoje vão dar os seus votos exederá com certeza o numero dos cidadãos que os pediram.

Como pôde ser assim desejado um cargo tão espinhoso, tão difficil e de tão grave responsabilidade? Mystérios da condição humana...

*

As letras nacionaes tambem tiveram as suas boas festas:

— Apareceu o 1º numero da *Revista Brasileira*, titulo que tem a vantagem de possuir uma bella tradição litteraria. A materia contida neste fasciculo inaugural faz-nos crer que vamos ter uma publicação digna dos fins a que se destina.

E' director da nova revista o meu illustre confrade José Verissimo, cujo nome representa uma brilhante reconciliação do talento e do trabalho.

*

— *Chronicas e novellas* intitula-se um magnifico livrinho de Olavo Bilac, escripto com a graça, a correcção e a louçania que tornam tão interessante a prosa d'quelle bello poeta, e tanta individualidade lhe dão.

*

Agora, aceitem as leitoras o meu presente de anno bom. E' um soneto de Paulo de Arruda, o poeta pernambucano que mais de uma vez tem figurado nas minhas chroniquetas:

PER DESERTUM

Sigo pisando pela immensa estrada
Sarças de fogo de hispidos espinhos,
E vou deixando á beira dos caminhos
Trapos do corpo e da alma espedaçada...

Nem um pouso sequer! Minha pisada
Repetem surda os echos escarninhos...
E o sol se atufa em ondas de oiro e vinhos
E arde a paizagem, nua e desolada!

Sigo, e um oceano de areia ante mim vôa!
Vago buscando embalde um rastro humano
E o chão sob os meus passos se esborôa!

E arquejo e corro... e no alto a ardente Urania
Fusila e foge n'um galope insano,
Como visão phantastica da Uckrania!

PAULO DE ARRUDA.

E, para terminar, um aperto de mão ao meu amigo
e collega Henrique Blatter pelo apparecimento do
Seculo.

ELOY, O HERÓE

Os filhos da morta

LEGENDA WALONNGA

Gille, se eu morrer, não te tornes a casar, por que o que será de nossos filhos? murmurava com sua voz fraca, a pobre Sra. Odette.

Estava deitada na grande cama de carvalho enegrecido, toda guarnecida de tabetá de ramagens.

Da graciosa maçoila, ha pouco tempo tão admirada dos rapazes, apenas restava um corposinho muito magro, cujas formas delgadas mal eram modeladas pelo linho branco.

Suas mãos de longos dedos, pareciam de alabastro, como sua fronte, enrugada por uma inquieta obsessão.

— Não Odette, disse elle; não te preocupes comigo.

A doente dirigio seus olhares para os tres filhos, tres anjinhos, graciosos como ella.

O maior tinha sob os labios a mãozinha de sua mãe, cujos olhos, de expressão penosa, cobriam-no todo com o seu immenso amor.

Gille sahio com o seu passo arrastado.

No quarto ouvia-se o tic-tac do relógio, de mistura com a parolagem dos pequenos e com os arquejos da paciente avida de ar.

Ha pouco tinha vindo o padre de sobrepelliz branca, á choupana, depois de ter atravessado a aldea, á reboque do menino de côro que trazia uma lanterna accesa e fazia soar uma campainha argentina.

As duas velas e o branco algodão fino, estavam ainda sobre a meza, a um canto, perto do crucifixo, nos candieiros de cobre.

Ao anoitecer Odette expirou.

O cão, na cosinha, deixou escapar um grito longo e rouco.

Gille, o bello rapaz, fechou os olhos d'aquella a quem tanto amava.

Os tres filhos, os anjinhos choravam todas as suas lagrimas.

Bim bam, bim bam!

A pobre Odette está debaixo da terra; os sinos dirigem-lhe o seu ultimo adeus.

Um outeirinho de terra muito fresca marca seu lugar, sobre o qual, com o cabo de sua enxada, o coqueiro traçou uma cruz.

As tres creanças, os anjinhos, na cabana, interrogam muitas vezes o leito deserto de sua mãe e suas lagrimas correm frequentemente.

Gille vae e vem, cuidadoso, inquieto e aborrecido.

No fogão, nada de fogo; o rapaz é inhabil para tirar chamma dos sarrafos e das achas de lenha.

Como sua morada lhe parece vasia e longo o campo longo como dias sem pão.

Muito pertinho, a passar, vê em ruidosa actividade Jehanne, a moça forte, exuberante de saude.

Espia Gille muitas vezes, o bello rapaz, sahindo da leiteira fumegante do estábulo, tirando do poço agua limpida e gelada, acudindo a todos seus trabalhos. Ousada, transpõe agora, frequentemente, os umbraes da casa da morta.

Ella tem para Gille tigellas de leite fumegante, prepara-lhe a panella, tira leite da Negra, limpa em um instante a terra endurecida e sahe desfiando seus risos zombeteiros que captivam o viuvo pezaroso.

Uma vez chegou a entrar no quarto e tocar na cama de Odette, na velha cama de carvalho negro.

Os tres pequenos teem medo de seu ar ousado. Choram vendo-a e o menor tem vagidos mais fortes.

*

Bim bam, bim bam!

Os sinos tocam para a missa; antes do officio divino o velho cura de cabelleira nevada grita o derradeiro banho de casamento de Gille o tamanqueiro com Jehanne a vaqueira.

Os fieis entre-olharam-se com um olhar afflito, os velhos sacudiam a espinha encurvada e cochichavam coisas por entre as nuas gergivas.

No ar secco e picante parecia-se ainda ouvir o dobrar funebres do enterro de Odette, e no velho cemiterio o antigo outeirinho não foi mais cuidado.

Sem tardar, realisaram-se as bodas do viuvo e da moça, uma tarde, ao cair do dia, furtivamente, sob os risos mofadores, aos quaes Jehanne respondia altivamente.

Ella installou-se na cama de Odette e festejou ruidosamente seu triumpho.

As tres creancinhas a um canto choravam deante de toda esta alegria da mulher de quem tinham medo.

O menor gritou mais alto para ter a sua mamadeira. A madrastra, irritada, voltou-se para elle e zaz! deu-lhe uma bofetada.

— Faze com que esta creança se cale, disse ella ao mais velho, senão levarás outra bofetada. Vão todolos para o curral e deixem-nos quietos.

— Cala-te, cala-te, irmão, gemeu pouco depois o maior, nossa mãe já lá não está; não é aquella, nossa está debaixo da terra, la longe, no cemiterio.

Se Deus quizer, amanhã iremos vel-a.

E no estábulo quente, a Negra, boa vacca, offereceu suas possantes mamas ao mais novinho que deixou gritar. Os outros menores sorveram tambem longos goles, depois todos tres adormeceram na palha fresca.

Do quarto de Odette chegavam ruidos alegres.

*

No dia seguinte, depois do canto do gallo, as tres creanças, o pequeno, o do meio e o maior foram pelo caminho cheio de arvores frondosas, para o cemiterio da aldea.

Delgadas espiraes de fumo azulado, escapavam dos tectos de ardózios e telhas vermelhas das habitações e dos pardieiros.

No horisonte, fechando a immensidade das planícies, o sol erguia-se no meio de uma gloria de raios.

No cotovello da estrada, as creancinhas encontraram um homem de physionomia doce, emoldurado por uma barba loura encaracolada.

Um diadema luminoso cercava-o com os seus raios.

Era o bom Deus!

— Para onde vão, meus tres anjinhos, tres anjos tão pequenos, disse elle com sua voz doce, mais doce que o canto do doce cantor das noites.

— Vamos ver nossa mãe que apodrece debaixo da terra.

Jesus que se lembrou :

— Seu corpo está na terra, sua alma no paraíso. Ide, ide, meninos; ide, meus anjinhos.

E depois elle os seguio.

Perto da tumba muito fresca ainda, os pequeninos ajoelharam-se sobre a terra benta.

— Doce Virgem Maria, nossa mãe não está aqui? perguntaram juntos.

Logo, ó maravilha! a terra se entre-abriu e Odette appareceu a beira do tumulo, ainda de todo envolta no lugubre sudario.

Ella tomou o menor e deu-lhe o seio; tomou o do meio e collocou-o a seu lado.

— O' mãe ternamente amada, murmurava o mais velho, se nós ao menos podessemos ficar junto de vós?

— Estar perto de mim, isto não é possível, respondeu-lhes. Meus tres filhos queridos, minhas pernas estão carregadas de terra pesada.

Voltem, meus filhos para junto de sua madrastra. Se ella vos der pão, tire-lhe seu chapéu; se vos der agua dae-lhe beijos; se ella vos levar á missa, conserve-vos por traz della. Se ella vos perguntar quem vos ensinou tão bem, direis: Foi uma pobre mãe que apodrece na terra sagrada.

Murmurava tudo isso com a sua voz doce, como um zephyro.

*

Jesus, o bom Jesus estava profundamente commovido com a sorte dos orphãosinhos.

— Levanta-te, Odette, disse-lhe elle; tu poderás á tua vontade crear teus filhos; dou-te seta annos para esta tarefa.

Todas as manhãs Odette, pallida e muito mudada ia á casa e tratava das crianças.

Dava-lhes de comer e remendava a sua roupinha.

Jehanne a madrastra e Giile seu marido, o fraco, o inconstante, viam por toda a parte noite e dia o rosto livido da morta; elles tomaram horror um ao outro, seus remorsos os atormentaram, emquanto estiveram no uso da razão.

Passados os sete annos, Odette a terna mãe, poz-se a chorar, chorar amargamente.

— Porque estas lagrimas, mãe, perguntou Jehan o mais velho de seus filhos, um bello rapaz.

— Sahi da terra, é preciso para lá voltar; é o momento supremo, vós todos estaes creados.

— Não chores, querida mãe; la no ceu nós nos tornaremos a ver em breve.

E o grande, o do meio e o pequeno, todos tres bellos rapazes, beijaram as faces pallidas de Odette que desapareceu de subito, de suas vistas.

JULES LÉMOINE.

Flóra

Scismo em teu nome, scismo... persistente,

Toda minh'alma olympica e sensivel

Enche-se de um perfume irresistivel...

Sonho, deliro, fito ethéreamente

As Hespérides, Pandius, o indizível

Capuleto, Semiramis florente,

O Paradou sublime, indescriptivel

Onde descantam Sylphos dhuliamente!

Aves polychromas, aureas pyraustas,

Volateiando ao sol, ébrias, exhaustas,

Sobre vergeis fluctuantes e odorosos;

Hamadryades, Satyros, phalenas...

Tudo adormece, n'um segundo apenas,

Aos phyltros dos effluvios capitosos!

CINCINATO GUTERER.S

Flores

Não pases que conserve, qual thesouro,
essas pallidas flores;
as suas folhas são paginas de ouro
d'uma historia de amorés.

Essas pezinhas trazem-me á memoria
a ventura perdida;
os tempos de prazer, de intima gloria:
alvorada da vida.

No teu calice o fogo já não arde
despedaçada rosa;
no peito, foste adorno, certa tarde
d'uma mulher formosa...

Este lugubre cravo, poz, Dolores,
ao nosso enleio um fim;
dos labios teus julgo inda em suas côres
ver vivo carmin...

Esses nardos de petalas brilhantes,
Adelina travessa,
banharam de perfumes penetrantes
tua loira cabeça.

Amelia m'offertou esta camelia,
d'atroz paixão em jogo,
depondo sobre a flor a propria Amelia,
um oscúio de fogo.

As tuas brancas petalas, d'amianto,
inda, murcha açucena,
parecem orvalhadas pelo pranto
da adorada Filena.

Vão as flores murchando e as flores caem
do vento nos baldões;
tudo passou, e com as flor' s'esvaem
as minhas illusões.

(Trad.)

RAUL BRAMAÓ.

Flora latina

AB OVO

(Ao partir do ovo)

Horacio, em sua *Arte poetica*, louva Homero por ter sabido tirar toda a *Illiade* de uma só scena, de uma só occurencia do cerco de Troya (a colera de Achylles), sem necessitar, para augmentar o poema, remontar-se até ao nascimento de Helena, causa da guerra, e que, segundo a mythologia, nascera de um ovo, tal como Clytemnestre, outra filha de Léda.

ABUSUS NON TOLLIT USUM

(O abuso não impede o uso)

Pode-se abusar de tudo, mesmo das melhores cousas; isto não é razão para renunciar-se fazer-se um uso de cousas de que outros abusam.

Voltaire dise: use, não abuse, manda a prudencia.

ABYSSUS ABYSSUM INVOCAT

(O abysmo chama o abysmo)

Expressão figurada da Biblia, que significa que uma desgraça chama outra desgraça, que uma falta conduz fatalmente a outra falta. Uma vez no declive do mal, o homem não pôde mais parar sinão no fundo do abysmo: *abyssus abyssum invocat*. Foi d'esta expressão biblica que nasceu o proverbio: uma desgraça nunca vem só.

AD HOC

(Para isso)

Um advogado, se não acha uma lei que possa fazer triumphar sua causa, forja uma *ad hoc*, especial, conhededor da materia de que se trata.

AD HOMINEM

(Contra a pessoa)

No argumento pessoal, ou *ad hominem*, o orador empresta ao adversario armas para combatel-o; elle o confunde oppondo-lhe suas proprias palavras ou seus proprios actos. Nas assembléas politicas de todos os paizes, não é raro ver-se um homem mudar de opinião; seus adversarios, para combater suas palavras presentes, recordam-lhe sua linguagem de outr'ora, oppõem-na a elle mesmo, e o batem, por um argumento pessoal—*ad hominem*.

THEATROS

Rio, 9 de Janeiro de 1895.

Deu-nos o Recreio o drama de Anicet Bourgeois e Michel Masson *Mysterios do Carnaval*, traduzido pelo actor Primo da Costa.

Contar-lhes o enredo da peça exigiria uma paciencia que não tenho e um espaço de que não disponho nesta folha. O drama, de uma urdidura interessante e complicada, foi escripto com toda a technica do theatro. O dialogo é incisivo; as scenas são rapidas, succedem-se logicamente e estão bem articuladas umas ás outras; as situações dramaticas abundam, e os autores não se esqueceram do imprescindivel elemento comico; os personagens estão desenhados com arte.

O desempenho dos papeis tem os seus altos e baixos, mas não compromette absolutamente a peça que, a julgar pelos applausos do publico, parece destinada a ficar no repertorio do Recreio, como tantas outras do mesmo genero.

*

A companhia lyrica do Apollo partio para Campos e não deixou saudades. Está sendo substituida por outra de zarzuelas, até que voltem os artistas da empresa Garrido, cuja *tournee* em S. Paulo tem sido muito fructuosa.

*

Reappareceu no Variedades, ao lado de Eugenio de Magalhães, representando a *Doida de Montmayour*, a actriz Ismenia, que ha muito se achava afastada do palco.

O publico e a imprensa tiveram a satisfação de reconhecer que ella é ainda a nossa primeira actriz dramatica.

Infelizmente, logo depois dessa representação da *Doida de Montmayour*, que parecia ser o inicio naquelle theatro de uma epoca mais auspiciosa para a arte, os artistas do Variedades faziam *reprise* da magica os *Talismans de Perlimpimpim*.

Entretanto, ensaia-se ali o *Filho da noite*, drama em que Ismenia representará de novo ao lado de Eugenio de Magalhães.

*

No Lucinda continuam as representações do *Tim tim por tim tim* e no Sant'Anna as da *Cornucopia do amor*.

X Y Z.

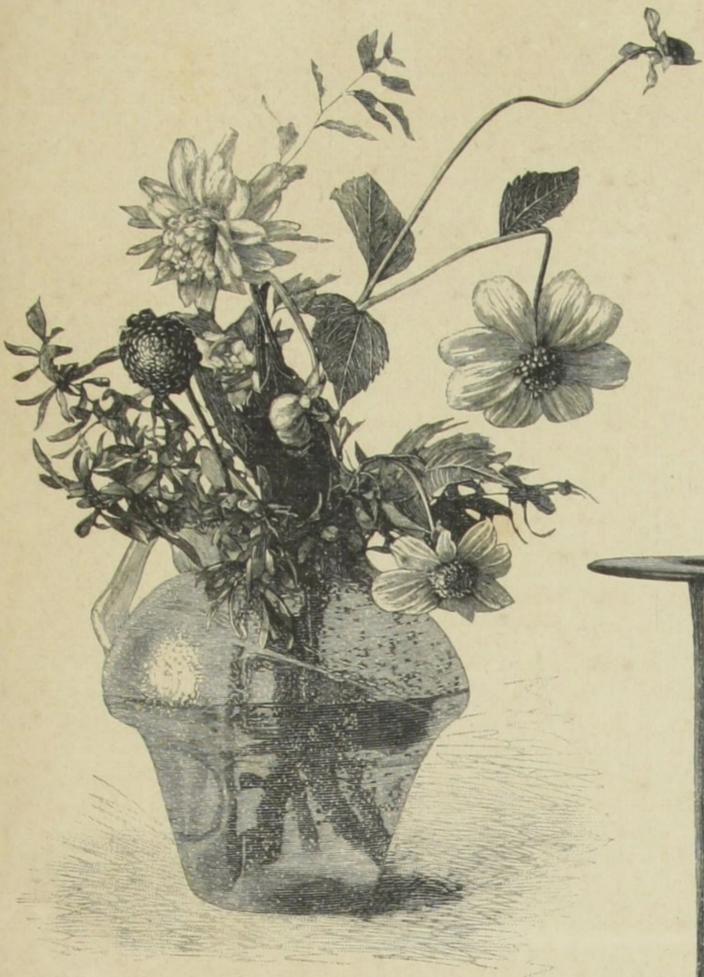
Com o titulo *Mulher Piedosa* encontramos a seguinte curiosa noticia em uma folha de Lisboa:

Exquisita individualidade a d'esta mulher! Temo-la diante de nós, vestida d'uma especie de brial de lemistre, a contar-nos, gesticulante, n'uma estranha mobilidade de physionomia, as aventuras negras da sua peregrinação, as tardes vermelhas e doiradas que levava a mendigar cobres de mãos rusticas, e os momentos passados a morder pão loiro em alpendradas fidalgas.

Temol-a diante de nós; espanta-nos o colorido das suas palavras modestas e o clarão dos seus olhos olheirentos, côr de amora. Ha qualquer coisa de obstinado, de perseverante, no seu busto macilento, onde os annos, as amarguras e os cansaços amarrotaram rugas e imprimiram melancholias.

A sua silhueta é original: parece uma figura piedosa illuminada da miniaturas d'uma novella antiga.

Conversámos com ella. Contou-nos a sua historia pallida. Enviuvou no Brazil e o marido defunto deixou-lhe cinco contos de réis; veio de novo para Portugal e foi-se esconder nos arvoredos frescos de Santa Cruz de Alvarenga. Chegada que foi á terra onde viu nascer, desgrehado e loiro, o primeiro sol, nunca mais a abandonou a idéa côr de rosa de construir ali uma escola asylo para rapariguitas desamparadas: mas — coitada! — o dinheiro que herdou do seu defunto, não chegou senão para a compra do terreno e para a construcção dos alicerces. Quiz continuar a obra mas faltavam-lhe os meios. Entretanto, não a emolgaram os desalentos, não a desanimaram os cansaços. Diz ella, que a Virgem ha-de amparal-a e robustecer a sua idéa fervorosa. Confiada n'isso, anda descalça, n'uma peregrinação cheia de piedade, a mendigar por fidalgos e rusticos, o dinheiro que lhe falta para a realisacção completa do seu intento. Santa mulher! Durante as suas caminhadas, pés nús sobre cardos, corpo molhado por chuvas de prata, — tratavam n'a de mendiga. Conta-nos ella que quanto mais soffria, quanto mais profundamente a humilhavam, mais contente ficava. Effectivamente, na sua expressão de bondade, vò a asa branca, perfumada, d'uma resignação mystica. Agora, passou por Lisboa. Anda toda vestida de negro; usa sob o chale uma especie de escapulario, e pendida da cintura uma escarcella vermelha com uma cruz azul. Chama-se Maria Ferreira Pinto. Se algum dia a virem, offereçam-lhe uma esmola, e ajudem a pobre mulher a attingir o ponto de oiro do seu piedoso designo. E' de cerebros como este, fanaticos mas equilibrados, que nascem as grandes iniciativas.



VASOS DE VIDRO INGLEZ

A carta negra

A moça teve um movimento de hombros, como se o pedido do homem, de pé, deante della, fosse inadmissivel e desarrasoado.

Chegou-se ao canapé, onde ella se envolvia com um chale, tremendo, embora se estivesse no mez de Abril. Atravez deste banal salão particular, o sol, peneirado pelos stores, lançava uma claridade de ambar. Dir-se-ia que eram phantasmas conversando em pleno dia. Se não eram phantasmas de outro mundo, eram phantasmas deste. Jovens ambos; não teria vinte e cinco annos cada um.

E, vencido por sua obstinação, não achando mais palavra, elle refugiou-se no passado.

Como elle se lembrava! Tudo, a manhã de inverno muito fria, a grande alea da igreja; Diana vestida de noiva, pelo braço do marquez de Sorges...

Estava branca, tremula, tão triste como a saudação triumphal dos órgãos, com os olhos fitos, em que as tochas da festa punham claridades semelhantes a lagrymas. Tinha sentido então sua vida como que tomada, torcida para sempre, porque Sorges era seu amigo de infancia, quasi seu irmão, devia sentir-se culpado por amal-a. E entretanto elle a amava, amava-a ainda, ha quatro annos, sem que pessoa alguma o suspeitasse, sem que ella mesmo o duvidasse.

Como isso se produzira, esta brusca invasão da paixão, elle não sabia, nem por que esta mulher casada interdicta e desamparada, esta fragil creatura vinte vezes encontrada, na sociedade, em camaradagem, subitamente se implantara nelle. Talvez porque lhe causasse compaixão, porque houvesse signaes de dor em sua physionomia, porque fosse para elle a irradiação de sua nova existencia, como para um sacrificio. E alem disso talvez ella precisasse de cuidados, o menor choque a despedaçaria; bastava observa-la: tinha guardado alguma coisa do espanto dos ninhos e da fragilidade dos berços.

Sorges era bom, desta bondade do leão ás vezes acariciador, as vezes violento e brutal. Que lhe reservaria o futuro? No fim de um anno nascera-lhe uma filha. Diana, embriagada de maternidade, mergulhava sua fronte na multidão de rendas d'onde surgia o rosto de um anjo, muito rosado,—porque os anjos coram, atravessando a terra.

— Sim, este passado voltara-lhe ao espirito, neste salão, entre estas flores, em face de Diana. Aqui e alli abriam-se malas, ostentando seu luxo, atiradas ao acaso, na pressa de uma chegada. Diana vinha da Italia. Elle não a via, ha um anno. Queria que ella tornasse a partir nesta mesma noite.

E a moça limitou-se a erguer os hombros.

Estava cançada—eis o que era preciso que ficasse bem sabido, encarregava-o de o dizer a seu marido. Com certeza não se defendia; não tivera razão; mas não se lança uma mulher á porta por uma simples palavra, sobretudo, quando ha um filho.

Pois bem, é exacto, ella não amava seu marido. E' exacto ella amava outro, mas este outro ignoraria sempre. Além disso, ella mesma se confessara ao Sr. de Sorges, lealmente, por escrupulo de consciencia, para não ser considerada melhor do que era. Unicamente, e Sr. de Sorges exigira o nome e ella se recusara a dizel-o.

Para que? Não era seu segredo, seu, unicamente? Seu procedimento provava a sua innocencia, eis tudo. Elle a expellia, tanto peor! ella partira suppondo talvez que a fossem chamar. Por isso nem se quer beijara a filha. Não a chamavam mais? Seja; ella reapparecia, por Margarida, para vel-a, para tomal-a, porque não podia viver sem ella.

Este detalhe das coisas, Diana o articulava lentamente, com uma entonação firme, embora um soluço reprimido tremesse em sua voz.

Seus grandes olhos, mal abertos sob a pesada-franja das sobranceiras, pareciam ter receio de erguer-se. Havia uma contradicção estranha entre a resolução de suas phrases e a timidez de seu porte.

Elle soffria muito.

Subito ella ergueu-se, e, roçando-o quasi com o peito arquejante, com o ar embaraçado.

— Não é exacto que é o Sr. de Sorges quem te manda? interrogou ella. Previni-o de meu regresso, dei-lheo meu endereço; todo o acolhimento de que elle me julga digna consiste em mandar-me dizer por seu intermedio que é preciso tornar a partir.

— Não; eu apressei-me a vir, por mim mesmo.

— Então, por que querem que eu volte?

— Porque assim é preciso. Creia-me, deixe Paris, ao menos por alguns dias, mas deixe-o já. Chega quando menos é esperada. Sorges não estava preparado.

Brandamente ella observou:

— Não é elle quem eu procuro, é Margarida.

E a sua voz quebrava-se; continuou:

— Estou doente, bem vê, muito doente. Tenho necessidade della. Ha momentos em que julgo que vou perder a razão. Tenho sido tão torturada! Não merecia ser tratada, como uma criminosa. Podiam muito bem deixar-me junto de Margarida. Seus dedinhos pousados sobre meu coração bastariam para nelle fechar o meu segredo. As creanças! São muitas vezes a honra das maes.

E ella adormecia em sua queixa, inconscientemente apoiada nelle; uma cinta de esmeralda jaspeava nos cantos as narinas apertadas.

Depois seus olhos abriram-se em fulgor, lançando lampejos de aço que os sobr'olhos arruiscados tornavam mais intensos. As espaduas estremeceram sob a cabelleira d'ouro brunido. E, enquanto o sol do meio dia, deslizando do rebordo da janella, deixava lentamente o baixo dos stores e dardejava seus raios sobre o busto debil da moça, a côr de ambar que os fazia parecerem phantasmas, augmentava. Elle contemplava Diana, sem aventurar um gesto, de tal modo os finos traços doloridos tomavam as proporções fantasticas do sonho—seu sonho sombrio de ha quatro annos, sobrevindo em plena luz da igreja, ao canto dos órgãos, por uma fria manhã de inverno.

No meio do silencio, a pendula bateu tres pancadas. Elle estremeceu.

— Que tem! murmurou ella.

— Esquecia-me da hora. Sorges me espera.

— E' indispensavel?

— Inseiramente; um dever que temos de cumprir juntos.

— Um dever?

Ella interrogava-o com o seu olhar fixo, um tanto enternecido. Mas elle accumulava as palavras; com um tom breve, sacudido, nervoso supplicava-lhe de novo: ella deveria prometter-lhe que tornaria a partir immediatamente.

Se elle insistia, é porque havia motivos serios.

Sorges podia surgir, alli, n'aquelle salão, de um momento para outro. Nestes ultimos tempos sua irritação era excessiva. Demais elle bem lhe dissera: quando havia sêde de represalias, nada o detinha. Ainda uma ausencia de oito dias, nem tanto, de algumas horas, e tratariam pelo horror, percorriam o papel. Era um cartão de participação. Enterravam Margarida, n'aquella mesma tarde, ás quatro horas.

— Mas Diana, obstinada, repetia:

— Não, não; eu quero Margarida.

Um criado entrou, trazendo uma carta em uma salva de prata.

— Da parte do Sr. marquez de Sorges.

Uma grande carta cujo papel assetinado lusia, com uma tarja negra, como uma moldura de crepe.

— Que é isso? perguntou Diana.

Elle empallidecera horrivelmente e precipitou-se para impedir que ella abrisse. Mas já os grandes olhos de Diana, dilatados pelo horror, percorriam o papel. Era um cartão de participação.

Enterravam Margarida, n'aquella mesma tarde, ás quatro horas.

Ella voltou-se mostrando seus dentes brancos e em uma explosão de riso que mais parecia uma careta, bradou, lançando os braços em volta do pescoço do homem que estava deante della.

— Eu te amo.

Elle sentio o coração atravessado por uma suspeita horrivel.

— Está louca! pensou fóra de si.

E tinha razão; ella estava louca, mas acabava de dizer a verdade.

EDUARDO DE PIT.

Ballada

(HENRY MURGER)

OS TRES VEUS DE MARIA BERTHA

O primeito véo de Maria Bertha era branco, inteiramente branco e puro como a neve, rendilhado e de fios tenues, tão tenues como os que se enovellam nos fusos da Virgem Immaculada.

Maria Bertha havia-o bordado com suas proprias mãos chinezas e ornára-o de uma grinalda de flores de seda,—ficticias flores, flores idéaes,—mas tão perfectas, que os insectos zumbindo, torvellinhavam sobre ellas, fascinados!

Uma unica vez ella uzou do seu véo branco,—foi no dia da sua primeira communhão.

O segundo véo de Maria Bertha era preto, inteiramente preto.

Ella o tinha começado no dia mesmo em que sua mãe, sua santa mãe idolatrada desaparecera dentre os vivos, deixando-a inconsolavel, triste, só e abandonada.

Havia-o bordado de sombrias palmas, como a das arvores dos cemiterios—os esguios cyprestes sempre verdes.



PASSEIO NA LAGOA

Lavára-o todo com o seu pranto amargo.

Uma única vez ella uzou de seu véu preto,—foi no dia em que, noiva do Christo, do Santo Christo, para o Convento da Ave Maria entrara, vestal formosa, seraphica vestal.

O terceiro veu de Maria Bertha, era feito de um fragmento do azul celeste, do azul celeste e eucharistico, recamado de esferas fulgurantes, de fulgurantes hyadas multicores, embalsamado com os mysticos perfumes dos Paraísos Archangelicos e Velados...

Déra-lhe o seu Anjo Guardiã, no dia em que ella entrou no ceu, noiva do Christo, do Santo Christo, vestal formosa, Seraphica Vestal...

CINCINATO GUTERRES.

1894

MOSAICO

Calino, chega um pouco tarde ao theatro e pergunta ao porteiro:

- Já começaram a representar a peça?
- Sim, senhor; já se representou um acto.
- Qual?

*

As almas grandes esquecem-se depressa das offensas mesquinhas.

Nas classes sem educação as mulheres valem mais que os homens. Nas classes distinctas, os homens são superiores ás mulheres. E' que os homens são mais susceptiveis de ser ricos em virtudes adquiridas e as mulheres em virtudes nativas.

DAUBERT

AS NOSSAS GRAVURAS

Alice Schreinner

O retrato que hoje offerecemos ás nossas leitoras é o de uma celebre e festejada escriptora ingleza, miss Alice Schreinner.

Della disse A. Scholl que possuia a frieza e a reflexão de sua raça dourados pelos reflexos de um sol quente do meio dia.

E' uma gloria do seu sexo a eminente escriptora britanica.

*

Steppes hugaros

A nossa segunda gravura representa uma paisagem campestre, no vasto imperio hugaro; tão poetico e tão fiel ás suas velhas e queridas tradições que são heje, na maioria dos casos, as leis que regem os habitantes dos diversos paizes.

Vasos de vidro inglez

Dois vasos de vidro inglez, dois artefactos da industria davelha Albion, o primeiro proprio para o cultivo de flores exoticas; o segundo contendo uma cobra que se enrosca toda no seio do lequido que a alimenta.

*

Passeio em lagoa

Nada falta a este passeio de que trata a nossa quarta gravura; ahi temos o cysne e a scismatica remadora que abandonou os remos, deixando o barco vogar a mercê das ondas embebida na contemplação da natureza.

CORRESPONDENCIA

80067—Therezinha—Foi aqui lançada ao correio e affirmamos que a repartição respectiva é responsavel. O não ter ahi chegado não prova que não o tivessemos remetido e nós aqui temos prova de tal remessa em uma livro. Finalmente nós temos todo interesse em que aos nossos assignantes sejam satisfactoriamente servidos, enquanto o correio nenhum interesse tem, além do moral, em que a correspondencia seja bem entregue por que sendo o seu serviço um monopólio sabe que nunca pode perder o freguez.

G. A.—E' indispensavel declarar o seu numero de talão e de onde se mudou.

DELETTREZ

EM PARIS

INVENTOR DA NOVA

PERFUMARIA

extra-fina

DE

AMARYLLIS

DU JAPON

Recommandada pelas Celebridades Medicas

Sabonete. de AMARYLLIS DU JAPON
 Pó de Arroz. . . . de AMARYLLIS DU JAPON
 Essencia. de AMARYLLIS DU JAPON
 Agua de Toucador. de AMARYLLIS DU JAPON
 Vinagre de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON
 Oleo para os Cabellos de AMARYLLIS DU JAPON
 Brilhantina. de AMARYLLIS DU JAPON

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

T. JONES

Fabricante

de Perfumaria Ingleza extra-fina

VICTORIA ESSENCIA

O mais delicioso perfume do Mundo.
 Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

FLUIDE IATIF

Macia a pelle, embelez-a e a torna flexivel. Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Basta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos beiços.

LA JUVENILE

Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel. Pó sem mistura alguma chimica, adhe ente e invisivel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.

Preparado especialmente para ser empregado com o fluido iatif.

LAIT IATIF, chamado LILY WASH

para embelezar a tez.

Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor receio, no rosto, nos braços e nas espaldas.

CREAM IATIF

Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade soore os outros Cold-Creams.

AGUA DE TOUCADOR JONES

Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

ELIXIR E PASTA SAMOHTI

Dentifricio antiseptico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS

Depositos em todas as principaes Perfumarias.

T. T. PIVER em PARIS

CORYLOPSIS DO JAPÃO

IMPORTADOR DA
Nova PERFUMARIA Extra-fina

AO

SABÃO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 PÓ de ARROZ. ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 EXTRACTO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 AGUA de TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 LOTION ao CORYLOPSIS do JAPÃO

BRILEANTINA. ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 OLEO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
 POMADA ao CORYLOPSIS do JAPÃO



Contra a ANEMIA, a FRAQUEZA
 o RACHITISMO, as ESCROFULAS
 o RHEUMATISMO, a TISICA etc.
 SUBSTITUA-SE O OLEO DE FIGADO DE BACALHAO PELO



de EXTRACTO de FIGADO de BACALHAO

Esta deliciosa preparação, eminentemente tonica, e tão agradável ao paladar que as crianças chegam a tomal-a até por gosto. — Uma colher, das de sopa, de VINHO VIVIEN, equivale a duas colheres de sopa de oleo de figado de bacalhao.

A VENDA EM TODAS PHARMACIAS
 PARIS: 126, Rue Lafayette, 126

TONICO * FEBRIFUGO * REGENERADOR

VINHO DO DOUTOR JOHANN

COM
 QUINA — COCA-EXTRACTO de CARNE
 HYPOPHOSPHITOS

Energico reconstituente recommendado nos casos da POBREZA de SANGUE, — CHLOROSIS, — LYMPHATISMO, — FEBRES PERNICIOSAS, e principalmente ás Senhoras nos casos de FLUXO BRANCO, — MENSTRUACAO IRREGULAR, etc.

A venda em todas Pharmacias. PARIS: r. Lafayette, 126

MEIO SEculo DE SUCCESSO

O unico verdadeiro Alcool de Hortelã é o Alcool de Hortelã

DE RICQLÈS

Algumas gottas d'este alcool em um copo d'agua com assucar fazem uma bebida deliciosa, sadia, refrigerante e barata, matando instantaneamente a sede e saneando a agua.

Em dose maior é INFALLIVEL contra as indigestões, os atordoamentos, as dores de estomago, o enjão, as doenças dos nervos, as dores de cabeça, a dysenteria e a cholera.

Tambem é EXCELLENTE para os dentes, a bocca, e todos os cuidados do toucador.

É UM PRESERVATIVO contra as EPIDEMIAS.

55 recompensas entre ellas 16 diplomas de honra e 15 medalhas de Ouro.

NÃO COMPRAR AS IMITAÇÕES e Exija-se o nome DE RICQLÈS.

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.
 AGUA de COLONIA Imperial Russa.

EXTRACTOS PARA O LENÇO: Violetta San Remo, Lilaz branco, Heliotropio branco, Peau d'Espagne, Moskarí, Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis, Gloxinia, Edenias, Sophora, Aromia, Violetta russe, Trevol, Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosas.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.

PÓS OPHELIA, Talismão de Belleza.
 PÓS PEAU D'ESPAGNE.
 LOÇÃO VEGETAL para os Cabellos.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI